



Mesmo com pneumonia aguda e sem conseguir levantar da cama, Heloísa, ao lado dos doutores Zorinho (E) e Kreps, brincou com fotos e telefone celular de plástico. Trabalho com terapia do riso ajuda no tratamento de crianças

Artistas se vestem de médicos e, com humor, mágica e música fazem a festa de crianças internadas no Hospital de Base

# DOCTORES DA ALEGRIA

Fredson Charlson  
Da equipe do Correio

Adilson e Josiane sofrem de riso frouxo. Eliene e Luana têm muita bobagem na cabeça. Os parafusos estão soltos. Heloísa passa bem. O ferro na roupa. Esses são apenas alguns dos diagnósticos de dezenas de crianças atendidas, ontem à tarde, na pediatria do Hospital de Base do Distrito Federal (HDBF) pela dupla de médicos paulistas, doutores Zorinho e Kreps. Os médicos são atores e fazem parte do grupo *Doutores da Alegria*, um projeto criado há dez anos nos hospitais dos Estados Unidos e há cinco anos no Brasil, depois de ser efetivado na Alemanha, Suíça e França. Os 13 atores do grupo brasileiro são especializados em Teatro Clown. Uma mistura de brincadeiras, palhaçadas e truques mágicos. Eles interpretam, fantasiados e sempre em dupla, papéis de médicos especializados em Besteiriologia com PhD em Bobagem.

Que o digam os pequenos pacientes da Pediatria do Hospital de Base. A leucemia, os problemas cardiológicos, o reumatismo e a insuficiência renal ou pneumonia não foram suficientes para prender as gargalhadas das crianças. No início, tímidas e assustadas com o aspecto estranho dos médicos, aos poucos os pacientes foram se entregando à terapia do riso.

## CORAÇÃO GRANDE

O goiano Adilson Florentino da Silva Júnior, seis anos, até tentou pegar no sono, mas desistiu ao ver os doutores Zorinho e Kreps entrarem no quarto. Virou para um lado, virou para o outro e resolveu encerrar a "consulta médica". Meia hora depois, ria muito. Despejava gostosas gargalhadas que ecoavam pelo quarto.

"Esses palhaços são muito doidos e engraçados", afirmou o garoto, que sofre de insuficiência renal e está internado há uma semana. "No final, virei palhaço também", disse, com algumas fitas adesivas coloridas coladas no rosto e, ao lado da amiga Luana, quatro anos, que fez um "implante de bobagem".

Heloísa Fernanda, seis anos, com pneumonia aguda de causa desconhecida, não conseguiu levantar da cama, mas foi atendida assim mes-

Em cada quarto que a dupla entrava, uma multidão entrava junto. Crianças internadas, familiares, enfermeiras e médicas. Na cardiologia, a recepção foi semelhante. Um misto de desconfiança e susto. Rosângela Ursino, 12 anos, no início, não gostou muito da presença dos atores. Aos poucos foi se soltando e até participou das brincadeiras. Quando eles saíram do quarto, ela foi junto, contagiada pelo espírito de alegria, acompanhando-os em todos os movimentos.

"Gostei de todas as brincadeiras. Gosto de rir e não me assustei nem quando eles tiraram uma enorme fita colorida do meu ouvido", conta, tímida, a menina que mora no Setor P Sul da Ceilândia e que sofre de sopro no coração. No mesmo quarto de Rosângela, as meninas Josiane e Francisca Pimentel não paravam de rir. Respondiam perguntas da "consulta" e faziam outras. Francisca, nove anos, tem *coração grande*. "É porque eu gosto muito das pessoas", disse.

## TERAPIA DO RISO

O doutor Zorinho é vivido pelo ator Ângelo Brandini, 35 anos. O doutor Kreps é encarnado pelo ator Cléber Montanheiro, 25 anos e Carla Candiotti, 27 anos, vive a Dra.

Artistas ficam quatro horas por dia em cada hospital visitado e mantêm contato direto com 60 pacientes. O trabalho dos humoristas é considerado revolucionário

Itaú Seguros e pela Polaroid. A decisão de montar o grupo surgiu depois que Wellington, que trabalhava na Broadway, conheceu em 1988 o *Clown Caré Unit*, um grupo de clowns norte-americanos que estavam revolucionando os métodos de humanização hospitalar. Wellington se transformou no *Doutor Calvin* e passou a espalhar alegria pela pediatria dos hospitais.

Para fazer parte do grupo, o ator interessado deve passar por três meses de treinamento e mais seis meses de adaptação. "A base tem que ser forte para executar o trabalho com a criança", explica Ângelo Brandini. "No hospital, o foco pode ser traumático para a criança. Costuma-se voltar o tratamento para a doença e não para a saúde", acredita.

O trabalho executado pela terapia do riso ajuda no tratamento das crianças. É o que garante a psicóloga Morgana Masetti. "As crianças ficam mais ativas, aceitam os exames e passam a se alimentar e falar mais. Os pais ficam mais participativos na recuperação das crianças e acreditam que há uma melhora na imagem da hospitalização. Os médicos diminuem o nível de stress e aumentam o nível da auto-imagem, além do relacionamento pessoal", afirma numa linguagem típica de psicologia.

Morgana chegou a essa conclusão depois de dezenas de visitas a cinco hospitais de São Paulo, onde o grupo *Doutores da Alegria* realiza suas "consultas". Além do Hospital Nossa Senhora de Lourdes — o primeiro a receber o grupo —, o Hospital Albert Einstein, Hospital do Coração, Hospital Emílio Ribas e Instituto da

Criança do Hospital das Clínicas são clientes dos atores-doutores.

"O trabalho é revolucionário. É uma nova maneira de se pensar a saúde hoje em dia. Os hospitais se desenvolveram tecnologicamente e esqueceram de evoluir no nível das relações humanas. O trabalho tem um efeito", acredita Morgana.

O grupo *Doutores da Alegria* fica quatro horas por dia em cada hospital. Visita 60 crianças por dia. Leito a leito.

## PEDIATRAS APROVAM

Antes de animar as crianças em três andares do Hospital de Base, os atores fizeram uma palestra para os médicos que trabalham ali. Também participaram pediatras de outros hospitais da Fundação Hospitalar. A apresentação durou 50 minutos. Foi quase uma hora de riso ininterrupto dos médicos, que serviram de cobaia para as experiências dos *Doutores da Alegria*.

Os doutores Zorinho e Kreps fizeram teste de visão e audição com os pediatras. Receitaram uma medicação três vezes ao dia para liberar as bobagens da cabeça. "Muito riso antes, durante e depois do almoço", foi o conselho.

Os médicos do hospital adoraram e anotaram o endereço do grupo para futuros contatos. "Se as crianças estão com os olhos abertos, a gente faz palhaçada, mágicas e caretas. Se os olhos estão fechados, a gente canta e faz barulho. O importante é movimentar o espírito da criança e não deixar ela se abater com a doença", ensinou o *Doutor Zorinho* que nada cobra pela exibição. O grupo

diz que ganha cachês (valores não revelados) pagos pelo Banco Itaú.

## O MELHOR REMÉDIO

É impossível não morrer de rir da cara de palhaço que os palhaços vestidos de médicos fazem assim que entram em um quarto. Mãos no bolso, sorriso escancarado, jalecos coloridos e forrados com ferramentas, apetrechos e brinquedos de plásticos, além da franga *Maria Luísa* e do frango *Jônatas*. "Já passou algum besteirologista por aqui?", perguntam com a cara mais "lavada" possível.

Se a resposta for sim, tudo bem, eles entram no quarto e dizem que vão fazer a verdadeira consulta. Se a resposta for não, melhor ainda. É o gancho para mais uma sessão de incríveis risadas.

Os atores utilizam a criatividade para não repetir as brincadeiras. São ágeis e dinâmicos. Há centenas de jogos, truques e brinquedos escondidos em suas duas maletas coloridas.

Com os pacientes mais antigos eles procuram uma interação. Com os mais novos é amor à primeira vista. "A brincadeira se torna infinita a partir de ganchos proporcionados pelo próprio paciente", ensina Cléber Montanheiro.

Foi assim com a mineirinha de Paracatu, Eliene Gomes de Melo, três anos. De fala mansa e bem articulada, Eliene respondeu a todas as perguntas dos atores, estourou as bolinhas de sabão "para desinfetar o ambiente" e resolveu seguir a dupla em todas as visitas. "Mãe, me leve onde eles forem", disse à dona Maria Luíza a criança que tem desequilíbrio no corpo e não pode ficar muito tempo em pé.

Na hora de ir embora, os atores se despedem. "Tchau, esperamos nunca mais ver vocês aqui", afirmam. No caso de Eliene, Adilson, Josiane, Luana, Heloísa, Rosângela, e de outras crianças internadas no Hospital de Base, a visita dos *Doutores da Alegria* valeu. Rir foi o melhor remédio. Pelo menos, com a consulta dos médicos malucos.

As crianças ficam mais ativas, aceitam os exames, passam a se alimentar e a falar mais. Os pais ficam mais participativos na recuperação dos filhos

mo pela dupla. Teve tratamento vip. Falou ao telefone celular de plástico, conheceu a "família" do doutor Zorinho — fotos de orangotangos, cachorros e cavalos — e passou o jaleco do falso médico. Rindo tanto quanto a filha, dona Eloá, segurou a "meleca" de plástico que saiu do nariz de Zorinho.

Carmela Caramela. Além deles, acompanhou o grupo a Brasília, a psicóloga Morgana Masetti, 32 anos. Ela avalia os resultados do trabalho dos artistas, que há dois anos atuam em hospitais paulistas.

O *Doutores da Alegria* foi criado em 1991 pelo ator Wellington Fonseca. O grupo é patrocinado pela